

# AS TRANSFORMAÇÕES NA UNIVERSIDADE CONSEQÜÊNCIAS NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO DOCENTE

Martha Abrahão Saad Lucchesi<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo geral desta pesquisa é compreender a formação e o trabalho do educador no contexto da universidade brasileira neste início de século, em conseqüência das políticas públicas formuladas na agenda da educação. A pesquisa tem como objeto de estudo as transformações sofridas no paradigma de formação do professor/pesquisador universitário. Compreende-se a prática docente como trabalho humano construído por sujeitos inseridos em um espaço histórica e socialmente localizado. Como técnicas de pesquisa, utilizamos a investigação teórica, a análise documental, a observação participante, a análise do discurso e a análise de textos, visando compreender os aspectos ideológicos, sociais e subjetivos dos sujeitos pesquisados, tanto individuais (professores universitários que estão cursando o Mestrado em Educação) como coletivos (órgãos públicos que produzem os textos oficiais sobre políticas públicas para a educação superior no Brasil). A análise do discurso foi utilizada em duas vertentes: no estudo dos textos levantados referentes às políticas públicas para a educação superior brasileira, e, ao final, na análise dos textos produzidos pelo pesquisados e pesquisadores. Conclui-se que houve uma mudança de paradigma; ao se demonstrar que a análise crítica dos discursos sobre a educação leva à transformação das posturas do educador, e que os sujeitos transformaram suas práticas pedagógicas. Nesta perspectiva, torna-se essencial compreender o trabalho como uma dimensão fundamental na vida humana, capaz de transformar qualitativamente o meio, tanto em seus aspectos objetivos como nos subjetivos, a partir da configuração da instituição uni-

---

<sup>1</sup> Professora / Pesquisadora da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS. E-mail: [mgrlucchesi@uol.com.br](mailto:mgrlucchesi@uol.com.br)

versitária na sociedade do conhecimento, bem como a influência das políticas públicas na formulação desse novo paradigma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Universidade; políticas públicas; formação do educador.

## **THE TRANSFORMATIONS IN THE UNIVERSITY AND THE CONSEQUENCES IN THE FORMATION AND ACADEMIC WORK**

**ABSTRACT:** The general objective of this paper was to understand the teachers' formation and work in the Brazilian university context in the beginning of this century as a consequence of public policies formulated by the educational agenda. The research had the objective to study the transformations suffered in the paradigm of a university teacher/researcher formation. The academic practice is understood as a human job built by subjects inserted in a historically and socially localized space. As research tools, we employed the theoretical investigation, documental analysis, participant observation, discourse analysis, and text analysis aiming at understanding the ideological, social and subjective aspects of the subjects studied, individuals (university teachers who are doing a Master degree in Education) and collective (public institutions that produce the official texts about public policies for higher education in Brazil). The discourse analysis was used in two different ways: in the study of texts collected concerning public policies for the higher education in Brazil, and, at the end, in the analysis of texts produced by researchers and the subjects of research. It was concluded that there was a change of paradigm; by demonstrating that the discourse critical analysis on education leads to transformation in academic positions, and that subjects transformed their pedagogical practices. In this perspective, it becomes essential to understand work as a fundamental dimension in human life capable of qualitatively transforming the environment, not only in their objective aspects but also in their subjective ones,

from the configuration of the university institution in the knowledge society, as well as the influence of public policies on the formulation of this new paradigm.

**KEYWORDS:** University; public policies; academic formation.

## INTRODUÇÃO

As políticas públicas para a universidade influenciam e são influenciadas pelo tipo de profissional que se necessita e/ou se queira formar, seja ele um educador ou não. Trata-se de delinear e articular – por meio das políticas públicas e dos novos paradigmas da sociedade do conhecimento – as ações da instituição universitária, com a formação continuada de seus docentes e o perfil de homem e de profissional que o século XXI requer.

O paradigma da universidade emergente é uma criação nova. O conceito de universidade sempre esteve ligado à tradição. Instituições seculares tinham maior respeitabilidade do que as mais recentes. Hoje, sem abandonar o valor inestimável do conhecimento acumulado, é preciso levar em conta a dinâmica da transformação. O novo paradigma deve possibilitar a mudança permanente, ser flexível e, ao mesmo tempo, sólido.

A produção de conhecimento é o elemento essencial da sociedade pós-industrial; entretanto, é tarefa das mais árduas mudar paradigmas, transformar estruturas, reorganizar uma instituição. As mudanças, além de organizacionais e metodológicas, são epistemológicas, pois está em questão o próprio ensino e sua função na sociedade pós-moderna e pós-industrial, a sociedade do conhecimento. O paradigma da universidade emergente não é apenas um lugar de ensino, de transmissão do conhecimento acumulado, mas também de centro produtor de conhecimento pela pesquisa institucional, da qual dependem o ensino e a extensão. Propomos que a essência do novo paradigma, da própria ruptura epistemológica, seja: **a pesquisa é o próprio ensino**. Este recorte de uma pesquisa mais ampla procura aproximar, recortar, ajustar o paradigma “pesquisa é o próprio ensino” do seu arcabouço conceitual em uma análise que o torne empiricamente concreto.

A educação chegou a um ponto de ruptura, uma ruptura positiva, a gestação de um novo paradigma, que integra a produção do conhecimento, ao invés de fragmentá-lo, que não separa a produção e a transmissão do conhecimento. Essa mudança, epistemológica, precisa estar no âmago da discussão sobre a universidade e os demais níveis de ensino, pois, como diz Morin (2001, p. 21), 'aprender a viver significa preparar os espíritos para afrontar as incertezas e os problemas da vida humana.' (LUCCHESI, 2003, p.86).

Sob essa óptica, nosso objeto de estudo são as transformações sofridas no paradigma de formação do professor/pesquisador universitário; portanto, compreende-se a prática docente como trabalho humano construído por sujeitos inseridos em um espaço histórica e socialmente localizado. Nessa perspectiva, torna-se essencial compreender o trabalho como uma dimensão fundamental na vida humana, capaz de transformar qualitativamente o meio, tanto em seus aspectos objetivos como nos subjetivos, a partir da configuração da instituição universitária na sociedade do conhecimento, bem como a influência das políticas públicas na formulação desse novo paradigma.

Os objetivos específicos são: verificar e analisar as transformações que ocorrem na prática do educador que passa por um processo de produção do conhecimento através da sua pesquisa de mestrado; observar de perto esse processo de transformação do educador; e relacionar o estudo crítico e a análise dos textos teóricos como elementos desencadeantes da modificação dos paradigmas sobre a educação no grupo estudado.

## **METODOLOGIA**

A metodologia empregada foi a dialético-crítica, que tem sido nossa opção primeira ao longo da carreira acadêmica. Como técnicas de pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica para investigação teórica, a análise documental das dissertações de mestrado produzidas por nossos orientados, a observação participante como professora e como orientadora do curso de Mestrado em Educação. Para o trata-

mento dos dados, empregamos a análise do discurso e a análise de textos, visando a compreender os aspectos ideológicos, sociais e subjetivos dos sujeitos pesquisados (professores universitários).

Existem diversas formas de análise do discurso. Segundo Machado (1998, p.39), na análise do discurso existem atualmente diversas correntes que “se entrecruzam”. Quando analisamos um discurso, levamos em conta tanto os aspectos de sua construção - os aspectos lingüísticos e estruturais da fala ou da escrita - como os aspectos sociais, e, de certo modo, o psicossocial, ou seja, aqueles elementos em que o subjetivo passa pelo caminho do social. Nesse sentido, cabe lembrar que a construção dos significados é sempre social, mas o indivíduo deles se apossa e os utiliza a partir de sua própria percepção da realidade, tanto externa como internamente.

A construção do conhecimento passa pelo discurso. Por um lado, pelo discurso externo, da sociedade como um todo ou de grupos específicos dos quais o sujeito faça parte; por outro, pelo discurso interno, que é a própria construção do pensamento. No caso dos sujeitos estudados, os discursos externos foram: como ponto de partida, ou tese, o discurso já estabelecido na formação do educador acerca de sua função de transmissor do conhecimento; e como elemento de transformação, os discursos escritos dos textos estudados ao longo de sua pesquisa de mestrado. Esses textos mostravam o ensinar como um processo de pesquisa constante a ser desenvolvido pelo professor, no seu dia-a-dia e na sala de aula com seus alunos. Eles se constituíram na antítese que se contrapôs às certezas anteriores. O terceiro elemento, que veio se somar aos anteriores, foi a pesquisa de campo, em que dois mestrados em educação da Universidade Católica de Santos, que estavam sob minha orientação, foram colher o depoimento de seus colegas professores que não estavam expostos à ação transformadora da reflexão crítica sobre a educação desencadeada pelo mestrado. Da síntese desses elementos nasceu o discurso que os mestres expõem nas considerações finais de suas dissertações e cujo texto serviu de base para a análise que ora apresentamos.

Essa análise do discurso é resultado das pesquisas de mestrado de nossos orientandos, os quais, por sua vez, chegaram a esse discurs-

so após analisarem o discurso de seus colegas. Desse modo, num processo de intertextualidade, verificou-se uma transformação que aqui analisamos, visando demonstrar que a análise crítica dos discursos sobre a educação leva à transformação das posturas do educador, o que, por sua vez, levará a uma transformação do seu discurso como educador, ou seja, levará a uma transformação de suas práticas.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **PESQUISA E ENSINO NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA**

A transformação do educador só ocorre através da pesquisa. É somente por meio da pesquisa constante que o educador se educa e se torna assim capaz de educar. O *lócus* de formação do educador é a universidade.

A relação entre ensino e pesquisa na universidade é epistemológica. Não se trata de um conceito ou de uma opção, mas de um dado essencial que, se for desprezado, anula a possibilidade de ensinar em nível superior. Entretanto, além de existirem, ambos precisam estar integrados, acontecer juntos, de tal maneira que não se possa pensá-las separadamente. Este é o grande desafio do ensino superior neste momento.

O ser humano pesquisa, ele busca a informação que quer obter, a compreensão das relações causais. Foi através da pesquisa que o ser humano procurou entender os “comos” e os “porquês” do processo educativo, atingindo assim um patamar reflexivo (SOUZA, 2003, p. 41).

Masetto (2003, p. 80-81) ressalta que a pedagogia tradicional está centrada no professor e no ensino, preocupando-se com a estrutura curricular, com a qualidade do corpo docente (em suas áreas específicas de conhecimento, mas nem sempre nos aspectos pedagógicos) e com o conteúdo programático que deve ser cumprido, privilegiando as aulas expositivas. Num ensino superior voltado para a aprendizagem, a organização curricular deveria integrar as atividades, as disciplinas e a pesquisa desenvolvida pelo corpo docente. A prática per-

manente da pesquisa na instituição de ensino superior é que caracteriza a formação continuada do professor universitário, transformando e atualizando sua competência pedagógica (MASETTO, 2003, p. 84-85). De fato, a proposta de professores do ensino superior de serem vistos não só como educadores, mas também como profissionais de suas respectivas áreas, constituiria uma verdadeira “revolução no ensino superior”. Essa revolução parece estar acontecendo, pois alguns dos mestres que compõem a amostra a ser analisada nesta pesquisa são professores de diversas áreas do ensino superior que priorizam a sua formação como educadores, tendo por isso optado por fazer seu mestrado na área de educação, e não em suas áreas específicas.

## O LUGAR DA PESQUISA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO E NA PÓS-GRADUAÇÃO

Se analisarmos o que se publicou sobre a questão da pesquisa na universidade brasileira, observaremos que ela começa tardiamente, em especial no que se refere à pesquisa em graduação, que Segenreich (2001, p. 187) chama de “subcategoria pesquisa e graduação”. Para a autora, que fez um levantamento do estado da arte sobre o tema, a questão da pesquisa em graduação é pouco enfocada, comparativamente às demais subcategorias. Isso retrata um problema mais profundo, que é a incipiente atividade de pesquisa na graduação. Para superar essa limitação, duas tendências da pesquisa dentro da universidade devem ser afastadas, se desejarmos que o ensino universitário brasileiro tenha qualidade: a divisão entre as instituições de ensino superior dedicadas ao ensino e as que se dedicam à pesquisa, e a divisão entre o ensino na graduação e a pesquisa na pós-graduação. A lei brasileira só exige a indissociabilidade entre ensino e pesquisa nas universidades, dispensando da prática de pesquisa os centros universitários e as faculdades isoladas. Entretanto, empregamos o termo mais geral “instituições de ensino superior”, que engloba os três tipos de instituição, porque acreditamos que o ensino sem pesquisa demonstra ausência de qualidade e até de utilidade nos dias de hoje, e que a produção do conhecimento está na essência da função

do ensino superior. O ensino sem pesquisa torna-se desvinculado da realidade dos universitários e futuros professores, pois não passa da repetição de teorias, muitas vezes importadas e certamente produzidas fora da área de atuação do professor e dos alunos. O professor universitário não pode ser um “repetidor” do que decorou nos livros. Ele precisa, obrigatoriamente, articular a sua prática e também - o que é muito importante - a prática de seus alunos, se eles já exercerem a atividade docente (COELHO, 1986, apud SEGENREICH, 2001, p. 187).

Não estamos considerando pesquisa apenas aquela que produz conhecimento de ponta, reconhecido nos círculos acadêmicos internacionais. Se assim fosse, ficaria, de fato, difícil falar em impregnar todo o ensino de atividades de pesquisa, envolvendo o corpo discente da graduação. O que importa é que os docentes e discentes de todas as instituições de ensino superior reflitam sobre a sua prática à luz das teorias já existentes, visando atualizar essa teoria e enriquecê-la com informações trazidas do seu cotidiano de professor, do “chão da escola”, em todos os níveis de ensino, conquanto essa reflexão possa ser sistematizada e compartilhada, transformando-se assim numa nova contribuição teórica, que será ponto de partida para outros docentes/pesquisadores.

A indissociabilidade entre ensino e pesquisa se dá em dois níveis: institucional e individual. Tanto a universidade tem de ter uma estrutura de apoio à pesquisa como é fundamental que cada professor traga para a sala de aula a sua atividade de pesquisador, seja pela permanente inovação no conhecimento, seja pelo envolvimento dos alunos, seja ainda pelo aproveitamento da experiência individual de cada um como ponto de reflexão que inove e ilumine a teoria.

É importante entender que a pesquisa em sala de aula, desde a graduação, é uma questão de metodologia de ensino, e, mais, uma questão epistemológica. O que é ensinar? É reproduzir conhecimentos, sem senso crítico, diante dos alunos, com o objetivo de que estes também sejam capazes de reproduzi-los? Ou é propor a busca de um caminho transformador? No segundo caso, não se trata de uma pesquisa?

Como pode o professor ensinar algo de útil a seus alunos - futuros



educadores ou educadores - se ele próprio não estuda permanentemente? E estudar buscando o novo, inquirindo sobre suas práticas à luz da teoria, formulando questões e encontrando respostas inovadoras, isto é pesquisar. Morin (1997, p. 43) afirma que por ser fundamentalmente “um estudante” é que pode ser “um pesquisador e um autor”; e vai mais longe, dizendo que somente por isso pode ser “pesquisador e autor”. A pesquisa é, portanto, antes de tudo, uma postura de busca permanente do conhecimento, de indagação, de crítica, de questionamento.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CONCLUSÕES DO TRABALHO DE MESTRADO DE UM PROFESSOR/PESQUISADOR

O discurso de Santos Filho (2004) a respeito do que observou em seus colegas professores parte de seu próprio filtro perceptivo organizador da realidade, que é a filosofia.

Os relatos dos sujeitos pesquisados mostram que os mesmos fazem uma leitura consciente da realidade externa que os circunda; que boa ou má, há uma política educacional e uma ideologia. Tudo isso parece ser notório, concreto.

Não obstante, o que não é notório, o que está no “mundo da pseudoconcretidade”, que tem como característica o sentido duplo de “claro-escuro, de verdade e engano”, que põe em manifesto a realidade vivenciada pelo professor de forma contraditória, é a necessidade da construção de uma política educacional que promova a pessoa, o indivíduo, a realidade desse professor, com e a partir das condições de vida e que essas não sejam um fim em si.

(...)

Mas a realidade não é imediata e nem abstrata, está relacionada com o Ser e o Ter concreto e real do professor. O Ser como um modo de existir não está separado do Ter como considerar-se, eles não são incompatíveis. Se uma disjunção aqui se faz presente, então ela é ideológica uma vez que procura negar a condição fundamental do homem de encontrar-se com o pró-

prio homem e que atribui um caráter humanista ao Ter<sup>1</sup>.

Para analisar aquilo que os entrevistados manifestam como crenças, visões acerca da atividade de ensinar e sobre ser professor, o autor parte de conceitos filosóficos para chegar a uma análise do discurso dos professores sobre o ser-professor e, finalmente, expor seu próprio conceito sobre esse tema.

À medida que se consegue articular os saberes é que se começa realmente a conhecer e a ser educado, ou seja, quando se é chamado, preparado, para assumir o processo de fazer sua história, sua vida, sua existência, e de modificar a realidade concreta existente.

Também faz sua crítica sobre a formação que se dá ao professor e, sobretudo, sobre o lugar que lhe é destinado na sociedade. Mantendo sua abordagem filosófica do problema do “ser-professor”, aponta para o fato de que sobreviver não esgota as necessidades humanas. Desse modo, o discurso do autor que analisa o discurso de seus entrevistados dá a esses depoimentos uma nova dimensão, ampliando seu sentido do especificamente profissional para o amplamente humano, sem, entretanto, deixar de ser profissional.

Tem-se a impressão de que o professor está sendo educado e formado com o objetivo de somente sobreviver, resistir, em face de uma circunstância economicamente determinada.

Esse tipo de sobrevivência se faz necessária. Mas ela não desvela a dimensão humana, a realização pessoal que nela está implícita.

Ele aborda os temas expostos pelos entrevistados - como as dificuldades em relação à formação e à exigüidade de tempo e de recursos financeiros - para poder estudá-los mais enquanto uma questão

---

<sup>1</sup>Todos as citações deste texto (amostra representativa) foram extraídas da Dissertação de Mestrado “Educação e Vida”, de João Vieira do Santos Filho – Universidade Católica de Santos, 2004.

essencial que leva a um conflito existencial profundo do professor.

O que se observa na formação e educação do professor é um certo incômodo de ler a condição que sua realidade vivenciada lhe proporciona: os condicionamentos sociais, e um deles é a sobrevivência. Esses ajudam a promover o divórcio entre educação e vida, como existência, uma vez que colocam esta sobrevivência como determinismo do ganha-pão.

A sobrevivência que os professores perseguem passa pelo sustento, transcende-o, pois se trata bem mais da sobrevivência cultural. A cultura, como existência, não é somente uma elaboração teórica, é um existir humano que se manifesta culto, uma vez que o homem, em sua ação, se relaciona com os outros homens em um processo histórico.

A consciência desse processo histórico é o que parece estar ausente na educação e formação do professor. Isso porque, ao que tudo indica, o processo de conhecimento na formação dos professores se dá bem mais pela apropriação dos conteúdos de ensino e de suas metodologias. Essa opção promove a disjunção do envolvimento político e cultural, vale dizer, a existência em sua totalidade.

Ao confrontarem o capital cultural que adquiriam com a realidade vivenciada concretamente em sala de aula, essa realidade os torna conscientes do distanciamento existente entre as elaborações teóricas e a vivência prática em sua dinamicidade; não obstante a pesquisa também aponte para o fato de que se a realidade prática vivenciada pelos professores os conscientiza do distanciamento entre as elaborações teóricas e as práticas vivenciadas; isso não é válido quando se refere à relação teórica e prática, isto é, conhecimento-informação, educação-vida, que ainda se lhes apresentam separadas. Isso porque a pesquisa aponta para uma educação e formação que não se libertou totalmente do modelo disjuntivo. O professor que está em sala de aula, hoje, é o professor que não está sendo educado, credenciado, para atuar na realidade em que vive. A realidade em que vive se mostra cada vez mais diferenciada, mas não

separada; o professor que está em sala de aula, hoje, tem dificuldade de refletir e fazer ilações a partir da multiplicidade de significados que essa realidade lhe proporciona, que é uma realidade cultural viva a ser construída, não uma realidade pronta, acabada, de outrem, sem engajamento pessoal.

No seu entender, não há síntese possível; esse conflito não pode ser superado. Isso só seria possível com mudanças na situação do professor.

Há um reducionismo inconsciente na educação e formação do professor que está em sala de aula hoje. A pesquisa reflete esse reducionismo nas falas de alguns sujeitos que procuram fazer do conhecimento, da informação da educação e da vida uma síntese. Conhecimento, informação, educação e vida são existências e enquanto tais são compreendidas, vivenciadas, mas não sintetizadas.

Segundo o autor, essa transformação social só seria possível se o professor tivesse consciência da necessidade de lutar pelas transformações das suas condições, de modo a poder ser o que sente que deve ser, sem deixar de se reconhecer como sujeito.

Por não terem essa consciência histórica, política e social, os professores esperam que as idéias, por si só, possam fazê-lo. Com isso promovem a disjunção educação da existência.

Não obstante, reconhece Santos Filho (2004) que os professores entrevistados ainda lutam para não perder a sua identidade, de modo que, embora vivenciem um conflito permanente, não optam por anular um dos lados, pois isso significaria renunciar definitivamente a ser ator e sujeito do seu próprio processo educativo, o que significaria, em última instância, renunciar a ser educador.

Refletindo acerca dessa sobrevivência, dessa resistência, esta pesquisa indica que os professores estão em constante luta

consigo mesmos. Para não perderem a identificação, o reconhecimento como sujeitos e atores do processo educativo procuram investir no próprio capital humano, mas esbarram na exigüidade temporal e material. Intuem que suas ações, como ações autônomas, só se dariam a partir da conciliação da forma ambígua com que ela se apresenta: sobrevivência material, sobrevivência espiritual.

No discurso dos entrevistados estão presentes as seguintes categorias: a satisfação com a escolha profissional; a percepção de que a subjetividade está presente no seu ensinar; a formação do professor; as dificuldades materiais que ele enfrenta na sua prática docente; o desejo de crescer como educador e como pessoa; expectativas e frustrações no ato de ensinar; e o entendimento do ensino como transmissão de conhecimentos.

- A reafirmação da escolha e da identidade profissional:  
A partir dos depoimentos coletados pode-se observar que os sujeitos da pesquisa ao falarem sobre suas realidades são concordantes de que se sentem realizados na profissão que abraçaram: professores.
- A percepção de que a sua satisfação em ser professor é uma experiência subjetiva, pessoal e íntima:  
Essa realização, contudo, se apresenta de forma subjetiva, e aqui o termo subjetivo ganha sentido de experiência íntima.
- Expectativas muito altas quanto ao poder da educação:  
A crença e a esperança na educação como transformadora da realidade social; crença e esperança a partir da mais alta aspiração.
- A visão do ensino como transmissão de conhecimentos:  
Seus relatos também demonstram um sincero esforço em transmitir seus conhecimentos e saberes para seus alunos e, ao mesmo tempo, a constatação de que isso não se dá como foi idealizado.
- A percepção de que a sua formação como professor não é

suficiente, e muito menos definitiva, acabada:

Falam de suas formações como sendo a melhor formação, mesmo quando admitido o aspecto preponderantemente teórico dessa formação; (...) identificam a exigüidade temporal de cursos que possibilitaria uma melhor capacitação profissional e sugerem que os realizados, além de serem poucas horas, são teóricos, carecendo de aplicação prática; reconhecem os entraves burocráticos que obsta, muitas vezes, o desenvolvimento de um potencial que julgam possuir.

- A sensação de que seu trabalho não é apoiado, valorizado. Essa percepção é mais aguda entre aqueles que trabalham na rede pública de ensino:

(...) identificam as dificuldades materiais de trabalho, a ausência de apoio pelos órgãos oficiais, para os que trabalham na rede Estadual de ensino, criando-se uma ilusão de que a presença desse apoio se dá de modo mais efetivo na rede particular;

O autor, ao realizar a reflexão crítica da realidade observada a partir de uma visão teórica que já dominava, a filosofia, criou uma dinâmica que trouxe para a ação o paradigma proposto no seu campo de atuação, no qual foram aplicados os primeiros passos desta pesquisa, expondo aos alunos textos que questionavam a visão do educador como transmissor de conhecimentos. Esse contato com textos instigadores levou-os a ressignificar seu papel enquanto educadores e eles passaram a se ver, também, como pesquisadores, entendendo que esta é uma pré-condição para o bom desempenho da função de professor.

Santos Filho (2004), no decorrer de seu mestrado, foi mais longe, optando por conhecer o que sentem e como percebem sua atividade profissional aqueles que, como seus alunos, passaram por um curso de formação de professores.

Assim ele pode, ao mesmo tempo, dimensionar os conflitos e insa-

tisfações desses educadores e propor um caminho transformador para o período de formação dos futuros educadores; mas o que importa é saber que essa transformação parte de uma autotransformação. Na medida em que o autor se coloca numa postura crítica em relação à falta de consciência dos educadores de cuja formação ele participa, está fazendo um movimento epistemológico da sua função de educador de educadores. Esse movimento que ele fez, ao passar de “transmissor do conhecimento” a produtor do conhecimento, é uma mudança de paradigma. Ele passou do paradigma tradicional da universidade - que não se vê como tal, e sim, como uma continuação do ensino médio - para o paradigma da universidade emergente, que parte da pesquisa para inovar o ensino e dar sentido à extensão de serviços para a comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho apresentado é apenas uma parte, um dos elementos utilizados para atingir o objetivo geral proposto por nosso projeto de pesquisa, que é o de compreender a formação e o trabalho do educador. A análise da transformação do discurso dos mestres que orientamos serve de guia para iluminar a relação dinâmica entre o professor universitário que forma o professor dos demais níveis de ensino e seus alunos que serão professores. Estes últimos poderão enfrentar condições adversas, pois haverá grande probabilidade de virem a lecionar no ensino público fundamental e secundário, que, no Brasil, representa para o professor, neste momento, um espaço de falta de motivação e desalento profissional. Aqui uma segunda parte de nosso objetivo, que é a interferência das políticas públicas para a educação na formação do futuro educador e no cotidiano profissional do professor.

Sem entrar no mérito das políticas públicas, ressaltamos que os educadores entrevistados sentem a falta de apoio dos órgãos oficiais responsáveis pela educação. Esse sentimento está presente em seu discurso e é ressaltado na análise feita pelo pesquisador cujo trabalho utilizamos como base para a nossa análise.

As transformações da prática do educador que passa por um

mestrado foram sucintamente retratadas na análise do discurso das considerações finais da sua dissertação. A pesquisa traçou um retrato detalhado de suas posturas tradicionais sobre educação no início do processo, o que deixou mais clara essa transformação. Conclui-se que houve uma mudança de paradigma: os sujeitos transformaram suas práticas pedagógicas. Isso também ocorreu com os outros mestrandos que fizeram parte da amostra desta pesquisa; entretanto, este trabalho será socializado posteriormente, quando for publicada a pesquisa completa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUCCHESI, Martha A. S. **Universidade, Política & Pesquisa**. São Paulo: Memnon, 2003.

\_\_\_\_\_. **Universidade no limiar do terceiro milênio: desafios e tendências**. Santos: Leopoldianum, 2002.

MACHADO, Ida Lúcia. Análise do discurso e seus múltiplos sujeitos. In: MACHADO, Ida Lúcia; CRUZ, Amadeu Roselli; LYSARDO-DIAS, Dylia (orgs.). **Teorias e práticas discursivas: estudos em análise de discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1998. p. 111-120.

MASETTO, Marcos T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, Antonio; VASCONCELOS, Maria Lucia. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 79-108.

MORIN, Edgar. Complexidade e liberdade. **Thot**. São Paulo: Associação Palas Athena, n. 66, ago. 1997, p.12-19.

\_\_\_\_\_. **As grandes questões do nosso tempo**. Lisboa: Editorial Notícias, 1982.

ORLANDI, Eni P. **Leitura & Discurso**. São Paulo: Cortez, 2001.



SANTOS FILHO, João Viera dos. **Educação e Vida**. 93 fls. Santos, 2004. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Santos, Santos, 2004.

SEGENREICH, Stella Cecília D. Relação ensino de graduação e pesquisa: políticas públicas e realidade institucional. In: SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JR., João dos Reis (org.). **Educação Superior: análise e perspectivas de pesquisa**. São Paulo: Xamã, 200. p. 187-212.

SEVERINO, Antonio J. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SOUZA, Oscar C. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, Antonio; VASCONCELOS, Maria Lucia. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 35-60.